

A dinâmica do sagrado:
Um estudo sobre as práticas religiosas católicas no Recôncavo da
Guanabara do século XVIII

LIVE FRANÇA DE CARVALHO.*

Este artigo faz parte de um projeto de dissertação de mestrado sobre as capelas do Recôncavo da Guanabara, atual Baixada Fluminense (R.J), no século XVIII. A partir da análise bibliográfica e documental¹ é possível observar a intenção das autoridades eclesásticas em manter o catolicismo na região por meio do incentivo ao desenvolvimento de práticas religiosas que correspondessem ao conjunto de normas estabelecidas nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Pretende-se demonstrar, brevemente, a dinâmica do sagrado que se estabelecia na região por meio da construção e da manutenção de símbolos religiosos que possibilitavam a inserção do Recôncavo da Guanabara no Império português.

Há de se considerar, na América portuguesa, o papel dos missionários no processo de evangelização das práticas sociais cotidianas. Luiz Felipe Baêta Neves já observou a importância da fé na construção do Império português, ressaltando o interesse de missionaç o dos sacerdotes católicos. Segundo o autor:

* Aluna de Mestrado em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Bolsista CAPES.

¹ Foi utilizada, neste trabalho, documenta o ecles stica como as *Visitas Pastorais de Monsenhor Pizarro no ano de 1794*, as *Constitui es Primeiras do Arcebispado da Bahia*, bem como os breves apostólicos de pedidos de oratórios privados e altares privilegiados referentes às capelas do Recôncavo da Guanabara do século XVIII. As *Constitui es Primeiras do Arcebispado da Bahia* tornaram-se um dos mais importantes documentos, se não o mais importante, da América Portuguesa, que pretendia adequar as práticas dos fiéis, bem como a estrutura dos templos religiosos às exigências do Concílio Tridentino. BETHENCOURT, Francisco. *A Igreja*. in: BETHENCOURT, Francisco, CHAUDHURI, Kirti, *História da Expansão Portuguesa*. Navarra: Círculo de Leitores, 1998. v. 1. p.375. Segundo Sérgio Chahon, os breves apostólicos eram uma via aberta aos interessados em tirar partido do uso doméstico dos altares. Ele era um breve de oratório privado, por meio do qual se franqueava a particulares a permissão para o referido uso. CHAHON, Sérgio. *Os convidados para a ceia do Senhor: As Missas e a Vivência Leiga do Catolicismo na Cidade do Rio de Janeiro e Arredores (1750-1820)*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

o pressuposto básico da missão é o de que a cristandade tem uma dimensão social que deve ser cumprida. A missão é um tipo de abertura significativa que representa a reafirmação de uma vontade de inserção da Igreja em laços diferentes, maiores, profanos, sociais. (NEVES, 1978, p.27)

O sacerdote, neste contexto, transformava-se em um instrumento da Igreja para que fosse possível realizar o objetivo universalista do cristianismo. Esta universalidade envolvia integração e unidade e, portanto, a expansão ocidental supunha “uma incorporação territorial, além da incorporação espiritual.”(NEVES, 1978, p.28) A missão pode ser compreendida como uma ponte de intercessão de mundos distintos, proporcionando trocas e, muitas vezes, choques culturais. Ela precisa alterar a superfície profana na qual se instala, na intenção de reencontrar aquelas regiões que teriam se afastado física e espiritualmente do projeto de Deus. (NEVES, 1978, p.32) Os missionários assumem o papel de reconquistar estes territórios perdidos, por meio da tradução do que consideram a “língua de Deus”. Além do aspecto religioso, esta tradução pode ser útil à manutenção do poder da Igreja, considerando que o discurso religioso pode influenciar os âmbitos político, econômico e social. Desta forma, a Igreja assumiu um papel fundamental na organização das hierarquias sociais, por meio da construção e da manutenção de símbolos sagrados².

A relação entre o sagrado e o profano pode ser considerada uma relação de dependência mútua. Ambos são construídos juntamente, um elemento necessitando do outro para garantir a sua existência.

O mundo do sagrado e da religião não explode como atmosfera autônoma, insignificante do ponto de vista laico, estranha a realidade que, na nossa linguagem, se chamaria “racional”, mas exprime-se e manifesta-se precisamente nessa realidade, na relação contínua que a justifica e a explica. (NOLA, 1987, p.109)

Observa-se, portanto, que os agentes eclesiásticos necessitaram interagir com os espaços considerados profanos, pela lógica católica, num exercício de sacralização que pretendeu convertê-los aos preceitos cristãos.

²Sobre a construção de símbolos sagrados, pode-se considerar, neste trabalho, a perspectiva de Bronislaw Baczko, que defendeu a ideia de que o imaginário social seria criado com a intenção de manter algum tipo de poder. Neste sentido, cada ordem deveria elaborar um conjunto de representações capazes de legitimar o seu poder perante a sociedade. Estes conjuntos de representações, inerentes à imaginação social, fabricariam também seus guardiães, detentores das técnicas de manejo e das representações e símbolos e, portanto, denominados pelo autor como “guardiães do sagrado”. BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. In: Leach, Edmund et Alii. *Enciclopédia Einaudi - Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985

Norbert Elias, ao analisar a sociedade de Corte francesa, considerou a etiqueta e o cerimonial como instrumentos de dominação e distribuição do poder na própria sociedade francesa (2001. p.54). Este conjunto de “códigos de conduta”, de costumes tradicionais denominado por ele como *habitus* diferenciaria socialmente os membros da Corte dos demais cidadãos, considerando que para a nobreza não haveria igualdade entre os homens. Pode-se relacionar esta ideia à tentativa da Igreja católica de manter certa “ortodoxia”, considerando que manter o seu próprio *habitus* permitiria a manutenção da sua identidade como instituição e, portanto, a sua tradição. Para manter-se no poder, uma determinada posição social necessitava de estratégias de conduta cuidadosas, considerando a “margem de manobra” para decisões, permitida por suas funções (ELIAS, 2001. p.48). Considerando a história da Igreja Católica pode-se considerar a sua necessidade de adaptação às mudanças sociais da época na qual estava inserida, seja como tentativa de manutenção do poder perante a sociedade ou pelo desejo de reformas institucionais defendidas por seus membros.

A sacralização do meio social permitiu a retomada do *habitus* da Igreja católica. Na América Portuguesa, esta tentativa de manter a “tradição” da Igreja Romana permitiu também a criação de referências religiosas à população afastada da cristandade, como por exemplo, a criação de novos templos religiosos, bem como o incentivo à devoção aos santos católicos.

No Recôncavo da Guanabara é possível observar a forte presença do catolicismo na região por meio da sua organização geográfica, tendo em vista que as Freguesias receberam os nomes de suas igrejas matrizes e cada uma delas contava com uma paróquia e suas respectivas capelas³. Pode-se observar a tentativa de manter práticas católicas, sobretudo, a partir do século XVIII com a elevação de capelas a “capelas curadas ou paróquias”. Esta tentativa poderia estar relacionada à necessidade de manter sobre controle as práticas sociais da região e oferecer uma referência religiosa à população que crescia demasiadamente a partir da descoberta do ouro em Minas Gerais⁴. A interpretação dos rituais católicos pelos fiéis, bem como a preocupação em

³ Foram analisadas, neste trabalho, as Freguesias de Santo Antônio de Jacutinga, Nossa Senhora da Piedade do Iguaçú, Nossa Senhora do Pilar do Iguaçú e Nossa Senhora da Conceição de Marapicú. As capelas pertencentes às Freguesias foram indicadas em: ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro e. *Livro de Visitas Pastorais na Baixada Fluminense no ano de 1794*. Prefeitura de Nilópolis, 2000.

⁴ Segundo Denise Demetrio, o caminho do ouro em Minas Gerais inseriu o Recôncavo da Guanabara nas

seguir as normas das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* representavam a religiosidade colonial na região. Essas duas formas dialogavam entre si, mas não excluía uma à outra. Ou seja, ainda que o fiel interpretasse os rituais à sua maneira, a orientação sobre os seus significados partia das autoridades eclesiásticas que tinham a missão de evangelizar àquelas populações distantes da cristandade.

A “geografia do sagrado” no Recôncavo da Guanabara seria representada pela ocupação da região pelos templos católicos e o constante zelo em ordená-los de acordo com as normas do Concílio de Trento. Todavia, devem ser consideradas as diversas relações e sentidos inerentes a esta ocupação. Segundo Sergio Chahon (2008. p.30-31), o uso e o cuidado em manter altares de missa atravessavam os espaços dos “edifícios religiosos” para compor esta geografia espalhando-se pelas cidades e seus arredores. Para o autor, a reunião dos participantes da missa ocorria nos interiores das igrejas, mas também fora deles, em espaços sagrados preparados nas residências particulares dos fiéis. A devoção dos fiéis precisava ser estimulada, mas isso não significava que as suas práticas pudessem ocorrer de qualquer maneira ou em quaisquer lugares. Havia a necessidade da benção de um vigário juntamente à aprovação do papado para que tais práticas se concretizassem. Mais do que a compreensão dos altares como espaços para a execução da missa, deve-se considerar o seu significado para os fiéis.

Há de se considerar a afirmação de Gilberto Freyre (2006. p.271) de que a capela que teria agido na formação brasileira foi a capela de engenho ao invés da catedral ou da igreja isolada. Considerando os trabalhos historiográficos sobre religiosidade colonial, pode-se observar que as práticas católicas foram adaptadas a algumas condições locais das regiões nas quais eram desenvolvidas. Não se deve perder de vista, portanto, que essas mesmas práticas, ainda que pudessem sofrer influências de cultos de outra ordem, teriam como base principal o catolicismo. Mesmo sofrendo adaptações ao meio, considerando as condições sociais e econômicas da região, deve-se considerar o cuidado em fiscalizar essas práticas nas capelas da América Portuguesa. Este cuidado poderia estar relacionado ao receio de que as práticas heterodoxas

rotas comerciais, já que a região se encontrava geograficamente bem localizada e cercada por rios que facilitavam a circulação de mercadorias entre Minas Gerais e Rio de Janeiro. DEMETRIO, Denise Vieira. *Famílias escravas no Recôncavo da Guanabara - séculos XVII e XVIII*. 2008. Dissertação de Mestrado. UFF. 2008.

tomassem conta do cotidiano colonial e ao mesmo tempo possibilitassem a perda da identidade da Igreja católica como instituição. Ainda que algumas capelas fossem construídas nos interiores dos engenhos, o seu reconhecimento oficial não se fazia sem o cumprimento de uma série de exigências burocráticas determinadas pelas autoridades eclesiásticas.

A partir da análise das *Visitas Pastorais do Monsenhor Pizarro* (1794) pode-se considerar que a maior parte das capelas da região foi transferida a partir do início do século XVIII, já que, sendo erguidas no século XVII e com materiais pouco resistentes, quase sempre sofriam os prejuízos do tempo. A exemplo desta consideração seguem as informações referentes à Igreja de Nossa Senhora da Piedade, da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Iguaçú:

Não sendo fabricada de materiais duráveis a mesma 2ª Igreja, porque as suas paredes eram de páu a pique, foi de necessidade que o mesmo Povo tomasse a sí a fatura de novo Templo, a que deu princípio, com a Capela Maior de pedra e cal, nos anos de 1764, e finalizou nos de 1.766; em cujo tempo mandou o R. Visitador Duarte, que se mudasse para ela o SSmo. Sacramento. (ARAÚJO, 2000. Fl. 92)

Pode-se relacionar essas informações as da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Marapicú:

Pela danificação, em que talvez se achava a 1ª Igreja, ou pelo outro da sua extensão foi mudada para o lugar, em que hoje existe, no ano de 1.715, à Expensas do Povo dela, cooperando somente a Real Fazenda para a construção da Capela Maior. (ARAÚJO, 2000, Fl.74)

A partir de doações da elite colonial do Recôncavo da Guanabara, muitas capelas foram construídas. Acredita-se, porém, que a partir do crescimento populacional da região houve a necessidade de transferi-las para locais mais confortáveis ao recebimento de um número considerável de “fiéis”. As *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* foram bem claras ao definir as normas para a construção das capelas, conforme o fragmento que segue:

Ainda que é cousa muito pia, e louvavel edificarem-se (1) Capellas (...) se segue a utilidade de haver nas grandes (...) lugares decentes, em que commodamente se possa celebrar; como convêm muito que se edifiquem com tal consideração, que, erigindo-se para ser Casa de Oração(...) ordenamos, e mandamos, que querendo algumas pessoas em nosso Arcebispado fundar Capella de novo, nos dem primeiro conta por petição, e achando (3) Nós por vistoria e informação, que mandaremos fazer, que o lugar é decente, e que se obrigão a fazel-a de pedra, e cal.(...)⁵

⁵ Livro quarto das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Título: XVII. Cláusula 692.

O próprio Monsenhor Pizarro indicou um crescimento populacional durante três anos no que diz respeito à Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga.⁶

Uma simples capela, erguida pelo povo, poderia se tornar uma “capela curada”, ou seja, ser reconhecida pelas autoridades eclesíásticas e, talvez, tornar-se paróquia da região⁷. As paróquias da região do Recôncavo da Guanabara passaram por essas etapas, a exemplo da igreja de Nossa Senhora da Piedade, da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Iguaçú:

Em uma simples Capela do Alferes José Dias de Araujo, feita pelo Povo, em terras do mesmo Alferes, foi estabelecida a Cura, pelos anos de 1.699, sendo Diocesano o Ilmo. Sr. D. José de Barros de Alarcão, conforme consta pela tradição dos Antigos, e fazendo as suas vezes / por ausente em Lisboa / o Dr. João Pimenta de Carvalho, 2º Deão desta Sé, Governador do Bispado: mas pelo traslado, que se fez do Inventário da mesma Capela, por ordem do R. Visitador Lourenço de Valadares Vieira em 1.727, sendo Capelão o R. Francisco Barreto de Menezes e se acha no fim do 1º Livro, que serviu nesta Igreja se faz mais certo, que fôra levada á Cura pelo Ilmo. Sr. D. Francisco de S. Jerônimo, sem se declarar com especificação o ano, e a Provisão competente, porque se criou a mesma Cura. Como Curada subsistiu, até os anos de 1.746, ou 47, em que foi enobrecida, e elevada a Paroquia pelo Exmo. Sr. D. Fr. Antonio do Desterro, em princípio do seu Governo: e em consequência, por consulta da Mesa de Consciência de 13/11/1.750. (ARAÚJO, 2000, Fl.92)

Neste trecho é possível ter ideia da complexidade inerente à definição de uma capela curada. Considerando a quantidade de capelas oficiais da região pode-se sugerir a sua importância no contexto das relações sociais, já que este reconhecimento não se fazia apenas pela população local, mas principalmente, pela autorização dos agentes eclesíásticos. Tendo em vista essas considerações observa-se uma espécie de “educação religiosa” que se estabelecia como um dos componentes da colonização.

Uma vez erguidas, as capelas necessitavam de fiscalização sobre as suas práticas, bem como ordenavam as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*:

(...) E mandamos ao nosso Provisor, e Visitadores fação guardar o que nesta Constituição se ordena, procedendo contra os culpados com as penas que

⁶ Segundo Monsenhor Pizarro a população da Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Iguassu teria crescido consideravelmente tendo em vista que “contando no ano de 1.792 Fogos 333, e Almas capazes de Sacramentos 2.015; no ano de 93 Fogos 349 e Almas, no seu total 2.235; no ano de 1.794 foram os Fogos 343; Almas, capazes de Sacramentos 2.340; Menores 597; fazendo o seu total de 2.937”. ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro e. *Livro de Visitas Pastorais na Baixada Fluminense no ano de 1794*. Prefeitura de Nilópolis, 2000. Fls 78 a 85 v

⁷ Entende-se por paróquia uma igreja matriz, na qual existe um pároco, “um meio através do qual os moradores vizinhos se reuniam, recebiam os sacramentos e se religavam à cidade, reino português e reino de Deus.” (SANTOS, 2003. p.139).

parecerem justas. E execução do que está disposto pelo Sagrado Concílio Tridentino, que nem –uma pessoa Eclesiástica, ou secular, de qualquer estado, ou condição que seja, ponha ou consinta pôr-se em Igreja, Ermida, Capella, ou Altar (...) Imagens alguma (...) sem ser vista, e aprovada por Nós, ou nosso Provisor.⁸

A ocupação religiosa não se definia apenas pela construção de templos católicos nas Freguesias, mas por estimular a devoção dos fiéis garantindo que os rituais desenvolvidos dentro ou fora deles seguissem as normas do Concílio de Trento. A localização dos altares, os ornamentos, as imagens sagradas e a participação dos fiéis formavam um conjunto de rituais religiosos nos interiores das capelas que possibilitavam a comunicação entre Deus e os fiéis por intermédio dos santos. No Recôncavo da Guanabara pode-se observar um número considerável de capelas erguidas em nome da Virgem Maria.

No que tange ao papel desempenhado pelos santos durante a colonização há de se considerar os indícios de sua presença nos nomes das cidades, capelas, além de registros escritos, como os relatos de viagens ou sermões, por exemplo. Segundo Beatriz Catão Cruz Santos pode-se notar, nos registros escritos, homenagens aos santos pela “capacidade de mediar a relação com o divino, por seu poder taumatúrgico e/ou por constituírem modelos de vida”. (2009. p. 147). Desta forma, considera-se a forte devoção católica por parte dos viajantes e dos conquistadores. No caso do Recôncavo da Guanabara não foi diferente, mas é possível observar uma “preferência” por Nossas Senhoras, ou seja, pelas diversas invocações da Virgem Maria.

Considerando os próprios nomes das Freguesias, Freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Iguaçu, Freguesia de Nossa Senhora do Pilar do Iguaçu e Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Marapicú, já se pode ter idéia da dimensão que o culto mariano ganhava no Recôncavo da Guanabara. Todas as Freguesias pesquisadas receberam o nome de suas Igrejas matrizes e, exceto pela Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga, esta nomeação era feita com algumas invocações da Virgem Maria.

Tomando como exemplo a Freguesia de Nossa Senhora do Pilar de Iguaçu identificou-se em seus arredores três capelas filiais: de Nossa Senhora do Rosário; Nossa Senhora das Neves e Santa Rita. (ARAÚJO, 2000, fls 92-96) Mesmo a Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga possuía seis “capelas filiais” em seus arredores que

⁸ Livro quarto das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Título: XVII. Cláusula 699.

eram: a capela de Nossa Senhora do Rosário; da Senhora da Conceição do Pantanal; de Nossa Senhora da Conceição do Engenho da Cachoeira; de Nossa Senhora da Madre de Deus; da Senhora do Livramento; de Nossa Senhora da Conceição de Sarapuí. (ARAÚJO, 2000, fls 78-85 vº)

De acordo com o número considerável de paróquias e capelas em nome da Virgem Maria, pode-se considerar a tentativa de manter a devoção mariana na região do Recôncavo da Guanabara. Juntamente aos ideais de caridade e humildade, já estimulados pelo cristianismo e representados pela paixão de Cristo, somaram-se os ideais de castidade e pureza de Maria. Havia a necessidade de estimular um modelo cristão feminino tão perfeito quanto o modelo de Jesus Cristo e ainda agregar valores cristãos à organização familiar da população.

Segundo Miri Rubin (2009), a cultura cristã já ofereceria modelos de bem e mal. A arquitetura, a liturgia e a música ofereciam os caminhos para a vida familiar e comunitária. Maria representava um conjunto perfeito que abarcaria em sua figura os modelos de mãe, esposa e consoladora. Na Europa, os responsáveis pelo estímulo à devoção mariana foram os franciscanos, que defendiam a idéia de que Maria seria uma mulher passível de comparação às esposas e às filhas da sociedade. O credo e os milagres que a envolviam se transformaram em parte da cristianização e da conquista da América. Neste contexto, Maria teria sido adaptada às culturas de conversão criando novas formas de cristianismo (RUBIN, 2009).

A relação íntima que se estabelecia entre os santos e os devotos⁹ pôde ser vivenciada também pelo culto mariano, que permitia a articulação entre o divino e o humano em apenas uma figura, a da Virgem Maria. No que diz respeito à América Portuguesa, pode-se considerar que os missionários, de fato, tiveram papel fundamental na expansão de cultos católicos, a exemplo do culto à Senhora do Rosário, no qual os escravos “rearticulavam suas crenças, reinterpretando os rituais de devotamento ao rosário da Senhora.” (SOUZA, VAINFAS, 2002. p.47). Ainda que a devoção à Virgem Maria funcionasse de acordo com a mesma lógica da relação entre santos e devotos,

⁹ Entende-se como relação íntima entre santos e devotos a relação ambígua entre santos e devotos. Ao mesmo tempo em que os santos representavam um modelo sagrado, há de se considerar a relação de proximidade entre eles e seus devotos. Esta proximidade seria representada pela ação de castigar esses seres divinos no caso do não atendimento aos pedidos dos fiéis ou recompensá-los quando concedessem a graça requerida.

considera-se uma espécie de “hierarquia celestial”, na qual Maria assumia um lugar acima dos demais santos. Esta comparação pode ser observada nos documentos analisados que mencionavam o seu nome após o nome de Deus ou Cristo e antes da menção aos santos. Um exemplo desta organização foi encontrado no fragmento retirado das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*:

E no que toca á preferencia dos lugares, que entre si devem ter nos Altares, celarados, (5) que sempre as Imagens de Christo nosso Senhor deve proceder a todas, e estar no melhor lugar; e logo as da Virgem nossa Senhora; e depois a de S. Pedro Principe dos Apostolos: e que a do Patrão, e Titular da Igreja terá o primeiro, e melhor lugar, quando no mesmo Altar não estiverem Imagens de Christo (...) ou da Virgem Nossa Senhora.¹⁰

Esta mesma ordem foi encontrada nos breves apostólicos utilizados nesta pesquisa e pode ser bem exemplificado com o fragmento que se segue:

concedemos que todas as vezes que qualquer Sacerdote Secular ou de qualquer ordem, Congregação e Instituto Regular celebrar no dito Altar Missa de Defuntos pela alma de qualquer fiel, que se tiver apartado deste mundo unida com Deus em Caridade; a mesma alma consiga (...) da Igreja Indulgência por modo de sufrágio a fim de que seja livre das penas do Purgatório sufragando (...) os merecimentos do mesmo **Nosso Senhor Jesus Cristo da Bem aventurada Virgem Maria e de todos os Santos**(...).¹¹
[grifos nossos]

A organização celestial estava completa com um conjunto que envolvia Deus, a Virgem Maria e os santos, que podem ser interpretados como os “guardiães do sagrado”, juntamente aos membros eclesiásticos que possibilitavam a propagação dos seus cultos.

Outra preocupação corrente na documentação analisada diz respeito à ornamentação das capelas do Recôncavo da Guanabara. Com a análise dos breves apostólicos observou-se, inúmeras vezes, a menção ao cuidado em ornar os oratórios e os altares de modo a honrar as figuras de Cristo e da Virgem Maria e, principalmente, respeitar os critérios exigidos pelas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Mais uma vez, nota-se a persistência em fiscalizar as condições das capelas, do Recôncavo da Guanabara, de modo a permitir que os rituais religiosos, como as missas, fossem celebrados de acordo com as “normas católicas”.

(...) mandei visitar a Capela de Nossa Senhora da Conceição (...) Padre Diogo da Fonseca Varejão Presbitero Secular e morador nesta Freguesia (...) por

¹⁰ Livro quarto das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Título: XVII. Cláusula 699.

¹¹ BA 306 – altar privilegiado de N. Sra do Rosário. Freguesia de N. Sra. da Piedade de Iguaçú 1796.

qual me informou que esteja a dita Capela com decência e asseio suficiente para celebrar o Santo Sacrifício da Missa com todos os preparatórios necessários.¹²

O cuidado em manter e fiscalizar as condições das capelas da região correspondia às exigências referidas nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*:

(...) para que nas Imagens Sagradas se evitem totalmente as superstições, abusos, profanidades, e indecências que já houverem, e se podem introduzir, encarregamos muito a nossos Visitadores, e mais Ministros, que com particular cuidado nas Igrejas, Ermidas, Capellas e lugares pios de nosso Arcebispado que visitarem, fação exame, se nas Sagradas Imagens, assim pintadas, como de vulto, há algumas indecências, erros, e abusos contra a verdade dos mysterios Divinos.¹³

Os dois trechos, retirados dos documentos, demonstram que havia tentativas de manter os critérios determinados por um dos mais importantes documentos da legislação eclesiástica da época, ou seja, a região do Recôncavo da Guanabara estava inclusa no Império português, por meio da religião católica. Além disso, mostra-se, com certa clareza, nas *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, que a quantidade de ornamentos não era mais importante, nas capelas, do que a condição à qual se apresentavam aos fiéis como descrito no fragmento abaixo:

Posto que na quantidade dos ornamentos, e moveis que há de haver em cada Igreja, se não possa dar regra certa nestas Constituições, por umas serem mais numerosas, e terem freguezes mais ricos, e outras menos parochianos, e mais pobres; com tudo bem se póde, e deve dar em os haver necessariamente em cada uma dellas para o Culto de Deos, celebração da Missa e Officios Divinos. Pelo que mandamos, que em cada uma das Igrejas de nosso Arcebispado haja precisamente ornamentos, e moveis para celebrar com decencia, e limpesa.¹⁴

Havia apenas a preocupação de que os ornamentos utilizados fossem bem pintados e conservados a fim de não provocar o “riso dos fiéis”¹⁵. Os altares deixavam de ser apenas um espaço para o sacrifício da Santa Missa, transformando-se em um local sagrado destinado a estimular a devoção daqueles que participavam dos rituais. Desta forma, os ornamentos, os participantes e/ou os realizadores dos sacramentos cristãos contribuíam para a interpretação destes espaços como sagrados. Para isto, não

¹² BA 158 – Capela de Nossa Senhora da Conceição - 1757. Freguesia de Santo Antonio de Jacutinga. folha 2.

¹³ Livro quarto das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Título: XVII. Cláusula 705.

¹⁴ Idem. Cláusula 705

¹⁵ Livro quarto das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Título: XVII. Cláusula 701.

importava se o altar seria erguido dentro dos templos católicos ou fora deles, desde que este espaço fosse preparado de acordo com as exigências das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. Em uma região que crescia demograficamente de acordo com a intensificação de seus engenhos e a sua conseqüente inserção na economia colonial¹⁶, como foi o caso do Recôncavo da Guanabara, havia a necessidade de se criar referências de acordo com a religião oficial vigente, o catolicismo. A devoção deveria ser estimulada para que houvesse uma ordem social de acordo com os preceitos da Igreja católica e os ornamentos se constituíam em instrumentos de estímulo a esta devoção.

De acordo com Sérgio Chahon (2008) um altar deveria ser descrito a partir de suas partes constituintes, portanto a sua arrumação também estava carregada de significado simbólico. A relação entre os santos e os devotos na realidade colonial necessitava de ferramentas que permitissem a sua sobrevivência. Os ornamentos e, principalmente, as imagens sagradas faziam parte deste universo mágico-religioso e contribuíam para o reconhecimento do caráter miraculoso¹⁷ dos santos, sobretudo, para lembrá-los por meio da concretização de suas imagens.

Esta intenção de preencher os templos religiosos com imagens sagradas compõe uma das partes das exigências das *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia* que vem sendo apontadas neste trabalho. O fragmento que segue demonstra, com clareza, a imposição da presença de imagens sagradas nas igrejas, como parte dos rituais religiosos desenvolvidos em seus interiores.

Manda o Sagrado Concílio Tridentino, (1) que nas Igrejas se ponhão as Imagnes de Christo Senhor nosso, de sua sagrada Cruz, da Virgem Maria Nossa Senhora, e dos outros Santos, que estiverem Canonizados, ou Beatificados, e se pintem retabolos, ou se ponhão figuras dos mysterios, que obrou Christo nosso Senhor em nossa Redempção, por quanto com ellas se confirma o povo fiel em os trazer á memoria muitas vezes, e se lembrão dos beneficios, e mercês, que de sua mão recebeo, e continuamente recebe, e se incita tambem, vendo as Imagens dos Santos, e seus milagres, a dar graças a Deos nosso Senhor e aos imitar; e encarrega muito aos Bispos a particular

¹⁶ Sobre a intensificação dos engenhos no Recôncavo da Guanabara ler BEZERRA, Nielson Rosa. *Iguaçu e Estrela: a Baixada no meio do caminho*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Ano 13. Nº 13. 2005 e DEMETRIO, Denise Vieira. *Famílias escravas no Recôncavo da Guanabara - séculos XVII e XVIII*. Dissertação de Mestrado. UFF. 2008.

¹⁷ Sobre a construção do “miraculoso” cristão, consultar: LE GOFF, Jacques. *O Maravilhoso no Ocidente Medieval*. in: *O Imaginário Medieval*. Editorial estampa. 1994.

diligencia; e cuidado que nisto devem ter, e tambem em procurar, que não haja nesta materia abusos, superstições, nem cousa alguma profana(...)¹⁸

Há de se considerar, neste fragmento a permanência da intenção de reforçar a devoção dos fiéis por meio das imagens sagradas, devidamente ornadas e cuidadas. A imitação da vida dos santos era um objetivo comum aos devotos que deveria ser incentivado para que fosse possível alcançar o modelo de cristão perfeito. Além disto, é possível observar o esforço para que não houvesse qualquer desrespeito com relação às imagens. Este desrespeito poderia estar relacionado ao “fervor carnal e obsceno” às imagens santas defendido por Gilberto Freyre (2006). Pode-se considerar o receio das autoridades eclesiásticas de que a intimidade entre os santos e os devotos se tornasse frequente e, portanto, fora de seu controle. Desta forma, como bem aponta o documento, os bispos estariam encarregados de divulgar estas imagens nas igrejas e caberia aos visitantes comprovar se a colocação destes símbolos estava de acordo com as exigências do Concílio de Trento.

Além das imagens dos santos, havia um conjunto de outros símbolos que deveria ser respeitado na confecção dos altares. Segundo as *Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia*, para os altares e para a celebração da missa havia a necessidade, mesmo respeitando a realidade econômica da capela, dos seguintes ornamentos:

Cruzes, (1) frontaes, (2) toalhas, (3) cortinas, (4) pedra (5) de Ara, Sacras, (6) panos (7) para as mãos, estantes, (8) ou almofadas, castiças, (9) alvas, (10) amictos, cordões, manipulos, estolas, planetas, corporaes com guardas, e bolsas, Calices, patenas, pallas, sanguinhos, panos, ou veós dos mesmos Calices, Missaes, galhetas, caixas de hostias, e campainhas(...) tudo na quantidade, e qualidade será conforme a possibilidade de cada uma das Igrejas, mas haverá muito cuidado que tudo seja limpo, (13) são, e decente, e que se não celebre senão em Calices ao menos de prata (14) com patenas do mesmo.¹⁹

Como numa grande festa, estava posta a ornamentação que deveria estar à altura dos homenageados, neste caso Cristo, a Virgem Maria e os santos, ao mesmo tempo em que se dedicavam a impressionar os convidados da celebração nos interiores das capelas.

¹⁸ Livro quarto das *Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia*. Título: XVII. Cláusula 696.

¹⁹ Livro quarto das *Constituições Primeiras do Arcebispo da Bahia*. Título: XVII. Cláusula 707.

Referências Bibliográficas

Fontes:

ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro e. *Livro de Visitas Pastorais na Baixada Fluminense no ano de 1794*. Prefeitura de Nilópolis, 2000.

ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro e. *Memórias Históricas do Rio de Janeiro e das Províncias anexas a jurisdição do Vice-Rei do Estado do Brasil dedicadas a El-Rei Nosso Senhor D.João VI*. Rio de Janeiro. Na Impressão Regia 1820.

Constituições primeiras do arcebispado da Bahia feitas e ordenadas pelo ilustríssimo, e reverendíssimo senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, 5º arcebispo do dito Arcebispado, e do conselho de Sua Magestade: propostas e aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de junho do anno de 1707. Introdução e revisão cômego prebendado Ildelfonso Xavier Ferreira. São Paulo, Typ. 2 de dezembro, 1853

Breve apostólico 158 – Capela de Nossa Senhora da Conceição - 1757. Freguesia de Santo Antonio de Jacutinga.

Breve apostólico 306 – altar privilegiado de N. Sra. do Rosário. Freguesia de N. Sra. da Piedade de Iguaçu 1796.

Bibliografia:

BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. In: Leach, Edmund et Alii. *Enciclopédia Einaudi - Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985

BETHENCOURT, Francisco. *A Igreja*. in: BETHENCOURT, Francisco, CHAUDHURI, Kirti, *História da Expansão Portuguesa*. Navarra: Círculo de Leitores, 1998. v. 1, p. 369 – 386.

BOXER, Charles H. *O império marítimo português. 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHAHON, Sérgio. *Os convidados para a ceia do Senhor: As Missas e a Vivência do Catolicismo na Cidade do Rio de Janeiro e Arredores (1750-1820)*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2008.

DEMETRIO, Denise Vieira. *Famílias escravas no Recôncavo da Guanabara - séculos XVII e XVIII*, dissertação de mestrado. UFF. 2008.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, 1ª ed.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala; formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo. Global Editora, 2006. 51ª ed.

GONÇALVES, Margareth de Almeida. *Império da Fé: Andarilhas da Alma na Era Barroca*. Rio de Janeiro:Rocco, 2005

LE GOFF, J. *O Deus da Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

LE GOFF, Jacques. *O Maravilhoso no Ocidente Medieval*. In: O Imaginário Medieval. Editorial estampa. 1994.

MAUSS, Marcel. *As técnicas corporais*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP. 1974. p.211-233, v.2.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. *O combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios: colonialismo e repressão cultural*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

NOLA, Alfonso di. *Sagrado/profano*. In: Enciclopédia Einaudi. *Mythos/Logos – Sagrado/Profano*. v.12. 1987.

RUBIN, Miri. *Mother of God: A History of the Virgin Mary*. London: Allen Lane. Yale University Press. 2009

SANTOS, Beatriz Catão Cruz. *As Capelas de Minas no século XVIII*. Acervo: Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 129-146, 2003.

TEVES, Nilda. *Imaginário social, identidade e memória*. In: FERREIRA, Lucia M. A. & ORRICO, Evelyn G. D. (Orgs.). *Linguagem, identidade e memória social*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VAINFAS, Ronaldo. SOUZA; Juliana Beatriz de. *Brasil de Todos os Santos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.